DreamScape

Renata Goes

Dedicados Aos fãs da ficção e fãs de anime...

Capítulo 01

Era uma noite chuvosa aquela, ventava forte e as ruas estavam desertas. Na ruela do edifício, um ser vinha a pé normalmente, como se não se importasse. Estava frio, e a garota apenas mantinha as mãos nos bolsos da calça jeans, a chuva batia de encontro a ela, o que quase não a deixava abrir os olhos. Uma rajada de vento permitiu que ela abrisse melhor os olhos, eu estava indo na sua direção com o guarda-chuva. Eu sempre fui meio estabanado e meio desesperado.
– Qual é o seu problema com guarda-chuvas, Amy? – indaguei, e digo que até um pouco furioso.

– Nenhum. Você saiu a dois metros de casa só para me perguntar isso? – parecia que ela tinha o prazer de me irritar. Era apenas dois anos mais velha, mas era minha patroa, então vamos dizer que tínhamos uma relação de trabalho, é isso.

– Não, eu estava preocupado, você não costuma se atrasar pra isso.

– É, a fila da biblioteca da faculdade estava dose.

– Por que você não esperou até segunda, entregasse quando realmente tivesse aula. Hoje você não tinha, não é?

– Sabia que você enche muito o saco? Eu apenas queria sair.

Eles entraram no hall de um pequeno prédio de três andares, do qual ele havia saído. Ela torce os cabelos, tira os sapatos e sobe as escadas ainda pingando e com certa pressa. Ele a segue, enquanto ela pergunta:

– Já está tudo pronto?

– Sim.

Ela abre a porta do apartamento no último andar, e vai tirando as roupas ainda em movimento, casaco, calça, regata, apenas de calcinha e sutiã vai para trás de um biombo. Sabe, Amy, era uma garota incomum, é óbvio que não se tira a roupa assim do nada, mas ela parecia não ligar para mim as vezes, e eu tinha que lembrá-la.

– Ei, o que você está fazendo? – eu disse, recolhendo as roupas molhadas do chão.

– Tirando a roupa, não está vendo, não posso pegar uma gripe a essa altura do campeonato.

– Por isso que as pessoas usam guarda-chuvas. – eu disse, sem adiantar nada, ela não tinha juízo, e percebi que a luz contra o biombo contornava o corpo dela tirando as roupas íntimas. Aquilo no começo me deixava perturbado. Amy era popular na faculdade, mas nunca deu bola pra muita gente, e não ter tanta vergonha contradiz a minha impressão de ela ter um corpo feio, pelo contrário, era voluptuoso, digno de modelo, daquelas que se via em borracharias. Aquela semi nudez era o máximo de pornográfico que eu via rotineiramente.

– Na verdade, sempre quando se sai de guarda-chuva, não chove. Isso é injusto com o planeta e com as plantas.

– Você é racional demais para vir com uma desculpa dessas, Amy.

– Tá, que seja. Me passe o traje, está ali ó. – diz ela, olhando por cima do biombo e apontando a mesa.

O apartamento era uma espécie de escritório, e o traje de que ela falava era um macacão de borracha com entrada de *plugs*. Enquanto eu o pegava, ela disparava as perguntas:
– Você corrigiu a entrada?

– Sim.

– Você adicionou seres de A.I. , como eu pedi?

– Até coloquei, mas para que pôr? Ninguém se conecta por inteiro na interface já faz um ano.

– Não conectava. Hoje, com isso pronto, vou entrar. Você consertou o gerador?

– Sim, mas eu ainda acho... – tive que me calar, quer dizer, meu cérebro entrou em curto, acontecia às vezes.

Ela saiu de trás do biombo, vestida com o macacão, que de tão colado marcava exatamente tudo, era como se ainda estivesse nua, ou ainda pior. Dava um ar de fetiche muito estranho. Passou por mim e também passou a mão no meu cabelo, e disse, entrando pela porta do quarto:
– Um dia você vai poder ir comigo, Rafael, não se preocupe.

Eu sempre quis fazer as coisas no lugar dela, mas no fim eu sou o assistente, uma vez do seu avô, e hoje dela. Quando ela disse aquilo, não pude esconder minha vontade:
– QUANDO?

– Em breve, se tudo der certo hoje, assim que não houver mais perigo. Verei hoje, após corrigir uns erros, ok? Mas me diga, como vão os sonhos?

Ela insistia em me perguntar isso todos os dias, mesmo sabendo a resposta.
– Nenhum sonho ainda.

Amy apostava em uma tese de que as pessoas que eram ativas em sonhos, pessoas que sonhavam bastante, eram boas pra o projeto. Mas eu ainda não via onde isso era útil.
Entramos no quarto, era uma sala ampla e tinha outras duas saletas de acrílico forte e grosso, blindado.
Eu já estava tão acostumado que já fui para o meu lugar, na saleta menor, com três monitores e uma mesa de comando. Fechei a porta, enquanto ela se sentava na saleta um pouco maior, com uma espécie de cadeira de dentista ao centro, um pouco maior e ajustável ao corpo, e vários cabos, por todos os lados e muitos caídos no chão. Através de um comando de computador, fechei as portas e as lacrei como de costume. Entre as duas salas, comunicação apenas por microfones e alto-falantes.
Começava o ritual diário.
– Ok, você está pronta?

– Sim.

– Conectando.

Seguro, ali atrás de uma mesa, podia ver os cabos de metal, com pontas que se encaixavam à roupa, levantarem no ar, magnetizados, e logo depois, acertarem com extrema precisão todos os pontos com plugs da roupa de Amy, que se segurou na cadeira, suprimindo um gemido. Quando os quatro cabos da coluna entravam eram os mais agressivos. Ao todo, eram quatro nas costas, dois em cada braços, três em cada perna, um no umbigo e um em cada lado do tórax, um pouco acima do peito.
Era bizarro ver aquilo, no início, eu tinha medo de como aquilo a machucava, mas nada perfurava seu corpo como aparentava, aqueles ligamentos eram da roupa apenas, e a roupa é um circuito externo de monitoramento e ligamentos precisos da máquina.
No primeiro monitor a câmera da sala estava ligada e focava o corpo físico de Amy, os outros dois, por enquanto, exibiam apenas estática.
– Conectando receptor neural. – uma espécie de visor com mais cabos embutidos desce e se acopla na cabeça dela, segundos depois Amy não emite mais nenhum som.

O segundo monitor começou a exibir informações como freqüência de batimentos cardíacos, sinapses neurais, pulso, pressão, um monitoramento de suporte vital completo e complexo. Tudo em ordem, era só prosseguir.
– Ok, tudo normal, acionando interface pessoal Amy.

A saleta de Amy se encheu com uma neblina densa e depois, do chão, se abriram quatro saídas de ar comprimido,

limpando a sala e a deixando em um turbilhão de vento direcionado do chão para o teto.
O terceiro monitor deixou de exibir estática para mostrar uma pessoa à semelhança de Amy, sentada em um deserto, olhando para baixo.
– Ok Amy, você está dentro. Pode me ouvir?

Ela olhou para o alto, olhando para o monitor se pudesse me enxergar.
– Sim, estou te ouvindo Rafael.

Percebi que ela havia mudado certas coisas em sua interface. Ela costumava mudar pequenas coisas, para que eu comentasse algo, as vezes eu percebia, e outras me limitava a dizer:
– Mudou algo na interface?

Para ela sempre me responder a mesma coisa:
– Não, nada.

Eu sempre sabia quando ela mudava, dessa vez em especial, ela aumentou de leve o cabelo e aumentou também o busto, na interface podemos ser o que quisermos, o corpo aceita o que a mente vê. Queria de isso me deixasse mais bonito na realidade. Percebi que Amy olhava o próprio braço.
– Algum problema?

– Mais ou menos, por favor, troque para módulo azul.

– Mudando, pronto, módulo azul estabelecido.